

José Luiz Barbosa de Oliveira

Do trem da memória

Contos e crônicas



Editora Recanto das Letras

Do trem da memória

Contos e crônicas

José Luiz Barbosa de Oliveira

Do trem da memória

Contos e crônicas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© José Luiz Barbosa de Oliveira

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – dezembro de 2020

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Oliveira, José Luiz Barbosa de
Do trem da memória : contos e crônicas / José Luiz Barbosa
de Oliveira. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
128 p.

ISBN: 978-65-86751-40-6

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras I. Título

20-4130

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Dedicatória

A todos os amantes da literatura, tão importantes e cada vez mais raros em nossos dias;

À minha esposa, às minhas filhas e ao meu neto;

A todos os meus irmãos e irmãs, sobrinhas e sobrinhos, e aos filhos e netos de sobrinhas e sobrinhos;

A todos os meus amigos queridos, de todas as partes do Brasil, e aos que moram no exterior.

Com meu abraço e minha gratidão!

Apresentação

Este livro registra vivências, impressões e fantasias dos últimos quase cinquenta anos. Nesse tempo todo, o mundo, o país e as pessoas sofreram grandes transformações, o que talvez explique temáticas, estilos e abordagens tão diversos que podem parecer incoerentes. Aos parentes e amigos mais próximos, uma advertência: trata-se de obra de ficção, ainda que algumas histórias tenham origem em fatos reais e reconhecíveis. O narrador será, no máximo, personagem, seja qual for a pessoa de narração. Ao leitor mais exigente, admito: alguns poucos textos não se enquadram em contos e crônicas. Mas não são jabutis, são bônus intencionais.

Meu pai dizia que, para ser homem de verdade, o sujeito precisa ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. Ele próprio teve muitos filhos; juntos, plantamos incontáveis árvores. Faltou o livro. Escrevo-o agora, por mim e por ele.

Em vez de abrir o baú, optei por desenrolar o trem da memória. Trem é movimento, é vida. Ao longo dos seus vagões, e de estação em estação, desfilam a futilidade e a sisudez; a compaixão e a crueldade; o humor, a ira e o amor. Mas, sobretudo, e para o nosso bem, um trem vai sempre repleto de poesia! Embarquemos, pois, e boa viagem!

O autor.

Sumário

A bailarina e eu	11
A chave de Danúbia	16
A degola	18
A esposa inevitável	21
A facada	22
A outra metade da laranja	28
A passagem mal-assombrada	33
A profecia que não fiz	36
A queda	39
Crônica para a Páscoa	40
Dona Úrsula e a cachorra Vovó	42
Felicidade proibida	44
Horror	45
Inocentes abandonados	46
Inquilinos do Universo	48
Lembrando Narinha	50
Massacre no casamento	52
Nascimento, vida e morte	53
Naufrágio	54
O acidente	55
O aviso da morte	56
O professor de filosofia moderna	60
O sumiço do João Cabral	64

O susto	66
O trem da memória: de volta aos dezenove	68
O truque do fazendeiro	73
O velho professor e uma utopia saltitante	76
O vírus de Sofia	78
Olhos de menino	79
Quando eu quis ser Deus	81
Seu Luís, el hombre	82
Sexta-feira 13	84
Silico, o vermelho	85
Solo de violino	90
Suave bafejo	91
Taberna hightech	92
Temporal	94
Tivico: crónica de uma amizade interrompida	97
Um lugar de sonho	100
Uma aventura entre as guerreiras do Setentrão	101
Voar era seu único remédio	120
Zeca, o menino escravo	122

A bailarina e eu

A peça estreou numa quinta, mas só fui a uma sessão no domingo. Não gosto de estreias. Por melhor que seja a equipe, sempre há algo a ajustar e as coisas não fluem da maneira mais perfeita no primeiro dia. Na temporada, prevista para durar três meses, as sessões ocorreriam de quinta a domingo.

No primeiro dia (e, diga-se de passagem, não costumo assistir mais de uma vez a uma mesma montagem), prestei atenção ao todo do espetáculo, sem me deter em nada. Era um musical, com elenco de dez bailarinos: seis mulheres e quatro homens. Não havia fala nem canto. Apenas uns vocalizes esparsos. Sob o som do instrumental, o elenco materializava — com os corpos — ritmo, melodia e harmonia. A trama ficava por conta da imaginação de cada espectador. Não havia livreto. A proposta era a pura fruição.

Terminada a sessão, saí pensativo. Algo havia naquela montagem que me intrigava. Não sabia ainda o que era. Talvez precisasse voltar na quinta-feira...

E voltei. Cheguei cedo ao teatro, para conseguir ingresso entre os melhores lugares. Fiquei na fila do gargarejo. Com apenas dez minutos de espetáculo, descobri o que me intrigava: era ela! Aquela bailarina franzina que, em sua evolução, chegava, às vezes, à transcendência! Num trabalho de elenco, sem espaço para solos, e em que tudo fluía magnificamente, era incrível como ela se destacava de maneira absolutamente natural e despreziosa! Leveza, primor e discrição, até a transcendência. Inusitado contraponto a enriquecer a partitura. Saí

da sessão fascinado. E prometi a mim mesmo algo que jamais fizera: voltar na sexta-feira.

No estacionamento, vi que parte do elenco usava uma van para se deslocar. Alguns atores, porém, usavam seus próprios carros. Eu não conhecia mais de dois ou três componentes do elenco e, por isso, nem sabia o nome da bailarina que se destacou. Não a vi no estacionamento. Talvez já tivesse ido embora. Ou entrado na van.

No dia seguinte, senti novamente no gargarejo, numa posição frontal ao centro do palco. À medida que o espetáculo se desenrolava, mais e mais eu me deixava envolver pela performance da minha bailarina preferida. Ela percebeu meu arrebatamento e reagiu assim: ao passar em frente ao lugar em que me encontrava, juntou as mãos, fazendo uma canoa, e mandou um monte de beijos de uma só vez. Quase não me contive. Vontade de subir ao palco e ajoelhar-me aos seus pés, adorando-a.

Em outra volta, ainda repetiu o gesto, com pequena variação. Finda a sessão, fui para o estacionamento, entrei no carro e fiquei esperando os atores saírem. Desejava vê-la fora do teatro, perguntar seu nome, elogiar-lhe o talento. Demorou uns quinze minutos. E lá vinha um primeiro grupo deles, uns cinco, entre os quais, ela. Saí do carro e fingi checar os pneus, dando-lhes chutinhos. Ela me viu, desviou-se do grupo e se aproximou de mim.

— Boa noite. Gostou do espetáculo?

— Gostar é pouco. Adorei! E especialmente a sua atuação.

— Nossa! Saí-me tão bem assim?

— Claro! E é por apreciá-la que vim pela terceira vez a essa montagem. Acho que nunca fiz isso antes.

— Virá outras vezes?

— Penso em voltar domingo.

— Conto com sua presença. Agora me vou, porque já estão todos na van, e eu hoje não vim de carro.

— Se não se importar, posso lhe oferecer carona.

— Aceito. Mas para domingo. Hoje já prometi ir com eles. Vamos jantar todos juntos.

— Ok. Domingo, então?

— Domingo!

Domingo ela pareceu estar ainda melhor no palco. Eu ansiava pelo fim do espetáculo, quando, então, ficaria pertinho dela, levando-a de carona no meu carro, sabendo seu nome e outras coisas sobre ela.

Fechou-se a cortina, encerrou-se o espetáculo e eu saí em direção ao estacionamento. Esperei por volta de vinte e cinco minutos e ela apareceu.

— Demorei?

— Não. Mas predispunha-me a esperar o quanto fosse necessário.

— Vamos?

— Quer jantar, antes que a leve para casa?

— Se não se importa, contento-me com um lanche rápido. Algo natural. Desejo mesmo é dançar.

— Ainda? Depois de uma hora e meia de espetáculo?

— Dançar com você. Dança de salão. Conheço uma boate aqui perto, e a pista é ótima!

Lanchamos e fomos para a boate. Ambiente simples e acolhedor, gente simpática, música boa. E a pista? Quase nem a

notei. Meu par tinha a habilidade de conduzir por entre as estrelas! Quando me dei conta, haviam-se passado mais de duas horas. Eram quase duas da manhã. A gente voltou à Terra e ela perguntou se podíamos ir embora.

— Podemos. Você mora onde?

— Na Bela Vista. Posso ir de táxi.

— Imagina! Te levo lá.

Rodamos poucos quarteirões e chegamos à rua dela, na Bela Vista. Convidou-me para entrar. Estacionei o carro na rua, porque seu apartamento de um quarto dispunha de uma única vaga na garagem.

O pequeno apartamento era decorado com esmerado bom gosto e singeleza. Em nossa conversa, que durou até as 5h, revelou-se uma mulher liberta e de pensamento libertário. Trinta e um anos, divorciada há quatro, depois de um casamento turbulento com um diretor de teatro. Leitora de Nietzsche e dos psicanalistas, louca por Dostoiévski, procurava viver de acordo com suas convicções.

— E você? Quem é e o que faz?

— Chamo-me Luís, quarenta e três anos, divorciado há seis. Sou consultor de RH e ocorreu-me que tenho que estar no trabalho em menos de três horas.

— A gente nem dormiu ainda. Como é que se trabalha sem algumas horas de sono? Tenho uma única cama, mas cabemos nós dois.

Desisti do trabalho naquele dia. Tomei uma ducha e fui para o quarto. Ela entrou no banho quando eu saí. Ao voltar, usava um *baby doll* de seda. Só então a vi como mulher. Até

ali, eu só notara a diva, a artista maravilhosa que era. Pude ver que tinha pernas lindas e perfeitas, apesar da aparência franzina. Deitamo-nos, mas não vou contar aqui o que aconteceu, porque este conto teria que ser publicado com restrição de faixa etária.

Levantei-me às onze. Perguntei se podia usar a cozinha. Podia. Encontrei o suficiente e preparei um desjejum para dois. Levei para o quarto, onde o tomamos. Aí eu disse que precisava ir-me, que a minha angorá estava sozinha, desde a véspera, e precisava de cuidados.

— Vai ao teatro na quinta? — ela quis saber.

— Acho que não tenho mais escolha.

— Então, até quinta!

Levou-me à porta, abriu-a e deu-me um beijo. Encaminei-me para o elevador. Ao sair à rua, notei que o dia estava lindo. A Bela Vista, quem diria, tinha glamour. Coisa que só agora eu via. Peguei o carro e toquei para uma florista no Largo do Arouche. Orientei a composição de um arranjo de flores e mandei entregar no endereço dela.

Eu não sabia o que aconteceria a partir de agora. Se ela me convidaria ainda para dançar, para ir à sua casa, se me ignoraria... Mas isso não tinha importância. Eu poderia continuar a vê-la no teatro. Ademais, estava absolutamente convencido: eu fora o único mortal no planeta a dormir esta noite com uma deusa.

A chave de Danúbia

Conheci-a numa esquina da antiga Boca do Lixo, em São Paulo, antes de existir a Cracolândia. Era o caminho entre o meu trabalho e a estação de metrô da Luz. Chamou-me a atenção, de imediato, seu porte de nobreza: olhos azuis profundos, cabelos loiros, pele clara, já meio encardida, e ossatura bem aprumada, denunciando um perfil longilíneo, embora a visse sempre sentada. Devia ter vinte e cinco anos. As roupas, apesar de sujas e já um tanto puídas, eram de boa qualidade. Sentada, mantinha uma postura algo altiva, destoando da sua condição de moradora de rua.

Desde o dia em que a notei (não sei quando passara a ocupar aquele lugar), interessei-me por observá-la, nas minhas passagens. Um dia, cumprimentei-a. Ela sorriu, mas nada disse. Nos três dias seguintes, a mesma coisa. Concluí que devia ser muda. Essa suposta mudez não me permitia saber-lhe o nome, de modo que a batizei Danúbia, por causa dos seus olhos, da cor daquele rio europeu.

Certa manhã, ao passar, vi que ela comia um pedaço de pão velho, a seco. Na volta, trouxe-lhe um bom sanduíche, acompanhado de uma latinha de suco de fruta. Agradeceu-me com o olhar e com gestos que diziam que eu não precisava me incomodar.

A partir de então, valendo-me do fato de que ela ouvia, passei a fazer-lhe perguntas. A algumas, ela respondia com gestos bastante esclarecedores; com outras era reticente. Mas havia

perguntas às quais não dava a mínima resposta. Danúbia era um mistério para o qual eu precisava encontrar a chave.

Numa sexta-feira, enquanto viajava no metrô, formulei mentalmente algumas perguntas que, acreditava, me ajudariam a desvendá-la. Porém, quando cheguei à esquina de Danúbia, ela não estava lá. Perguntei a um camelô que trabalhava próximo e ele me disse que parentes dela, gente com cara de ricos, de Santa Catarina, a haviam levado de volta à sua terra. Que ela estivera desaparecida e eles finalmente a haviam encontrado. E nada mais soube dizer-me o camelô. De modo que, para mim, o mistério Danúbia continua.

“Para ir de nossa casa à fazenda do Sr. Antonio, era preciso atravessar uma passagem que tinha fama de mal-assombrada e estava na metade do caminho a ser percorrido. O corte pelo qual passava a estrada era bastante profundo e ladeado por árvores e pedras gigantescas. De dia, para quem não lhe conhecesse a fama, o lugar apresentava uma paisagem digna de aquarela. À noite, entretanto, tinha um aspecto fantasmagórico e era evitado até por adultos.”

Trecho de *A passagem mal-assombrada*

“Pegou um táxi para a estação rodoviária, onde tomaria um ônibus rumo Diamantino. Soube que o próximo ônibus demoraria duas horas para partir. Então, comprou um jornal e procurou um lugar onde pudesse tomar um café enquanto lia. De repente, viu alguém que subia a escada para outro piso da estação. Era ela! Largou o café pela metade, atirou o jornal sobre a cadeira e subiu a escada. Lá estava ela, com a mesma blusa que usava no avião. Aproximou-se devagar, antegozando um reencontro tão tardio quanto inesperado. Queria ver a sua cara de surpresa, sua alegria, o sorriso mais iluminado deste mundo!”

Trecho de *A outra metade da laranja*